

Projeto corpus: Indagações e perplexidades

Sílvia Carneiro Lobato Paraense

Laboratório Corpus: fontes de estudos da linguagem
GRPESQ/ CNPq Discurso, História, Gênero e Identidade
Gabinete de Leitura
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

A constatação de que o conhecimento resulta da maneira como o sujeito descreve e interpreta o objeto sobre o qual se debruça, como também do método empregado na descrição e na interpretação, conduz minha indagação sobre a constituição de corpus de pesquisa a focar dois momentos distintos, situados nos extremos da cadeia que constitui o processo de pesquisa e de obtenção do conhecimento. Esses dois momentos constituem para mim fonte de inquietação quanto ao nosso papel de professores, orientadores e pesquisadores. O que desejo submeter à discussão pelo grupo é a pertinência dessas inquietações.

Um dos pontos, na extremidade inicial da cadeia, diz respeito à formação do profissional de Letras, aqui entendida de maneira extremamente simplificada como obtenção de conhecimentos. Que tipo de bagagem traz e, principalmente, trará o futuro pesquisador, quando se observa uma tendência crescente à tecnicização do ensino nas licenciaturas? Isso equivale a perguntar: o aluno de Letras não está sendo preparado para ser um técnico de ensino médio?

Na outra ponta, a complexidade adquirida pelos estudos literários suscita questões relacionadas ao posicionamento dos investigadores quanto ao âmbito ou os limites desses estudos. Uma observação, ainda que superficial, do rumo tomado pelas áreas de

conhecimento nesse último século, tão marcado pela preocupação com especializações mais e mais restritas, não estaria apontando, no campo dos estudos literários, para uma perda da identidade mais geral desses estudos?

Essas duas questões, tanto quanto me é permitido perceber, são capazes de suscitar uma multiplicidade de problemas, tanto no âmbito dos currículos de graduação e pós-graduação como no que se refere aos rumos da pesquisa e recortes de objetos a serem estudados.

Esse texto se organiza a partir dessas perplexidades, que me vêm assaltando por esses anos em que tenho me dedicado à vida universitária. Gostaria de propor uma reflexão em três etapas sucessivas, cada uma delas organizada a partir de uma pergunta.

A questão inicial se estende como um pano de fundo: que tipo de preparo recebem os alunos nos Cursos de licenciatura em Letras? Essa pergunta, necessária como fundamentação de posturas didáticas e de discussões acerca de currículos, reflete sobre que conteúdos abordar, e com que finalidade, nos estudos literários ainda no nível da graduação. Tal pergunta, e as escolhas dela derivadas, trarão importantes reflexos no âmbito da pesquisa, uma vez que esta resulta de dúvidas, orienta-se em busca de respostas que ainda não existem para questões já conhecidas ou mesmo por formular.

Nos cursos de graduação, os conteúdos das disciplinas pressupõem uma certa dose de familiaridade com determinados conhecimentos e situações. Tal familiaridade, além de dizer respeito às habilidades específicas requeridas por cada disciplina, também implica um mínimo de desembaraço do estudante no sentido de se movimentar em um âmbito cultural mais vasto, segundo uma visão mais abrangente da realidade que nos cerca.

Refiro-me também a uma prática intelectual cujo desenvolvimento compete tradicionalmente à escola, qual seja, a formação de um padrão de aquisição de conhecimentos que ultrapasse o mero armazenamento de informações, cujo destino é serem descartadas imediatamente após haverem sido testadas. Aponto ainda um outro aspecto relativo ao aprendizado escolar, a prática da análise, da generalização, da transferência, a habilidade de pensar em termos abstratos, enfim, operações fundamentais sobre as quais vem se construindo nos últimos séculos aquilo que se convencionou chamar o pensamento lógico ou científico.

Retomando: se a pesquisa depende da formulação de perguntas para as quais ainda não há resposta (ou cujas respostas não parecem inteiramente satisfatórias), então como é possível propor essas perguntas ou buscar respostas sem o conhecimento dos conteúdos? Se essas perguntas (e as possíveis respostas) devem ser formuladas a partir de procedimentos codificados (que é preciso conhecer inclusive para romper com eles), sem o domínio dos elementos que tornam possível essa forma de pensamento, como fazer pesquisa?

Posta essa questão de base, e acreditando que esteja resolvida, ou seja, (1) supondo que a média de 11 anos dedicados pelos estudantes brasileiros à escola, antes de terem acesso à Universidade foram frutíferos; (2) supondo que a escola preparou-os para os estudos superiores; gostaria de propor a segunda pergunta, referente a um aspecto que hoje me parece crucial nos estudos de e sobre literatura:

Estariamos assistindo a uma retomada dos procedimentos que nortearam o estudo da literatura assim como a crítica literária no final do século XIX? Posto de outro modo, o texto literário teria novamente se transformado em pretexto, ou em material para debates de vária ordem que, nestes tempos, recebem o nome de *estudos culturais*?

Isto porque muitos dos trabalhos classificados como versando especificamente sobre literatura recebem enfoques pluridisciplinares, ancorando-se em diversas formulações teóricas, provenientes das mais distintas áreas de estudo. Muitas dessas teorias, quando aplicadas aos textos literários, não servem para enriquecer a compreensão das obras singulares

de que se ocupam, ou mesmo do fenômeno literário. antes, servem-se do texto como demonstração para dados recolhidos em outros territórios da vida social.

Não desejo, com isso, negar o valor de tais aportes ao estudo do fenômeno literário. Fazê-lo seria cometer o equívoco grosseiro de desconhecer que a literatura só é possível *na* cultura, como manifestação e criação *da* e *na* cultura que, sob qualquer ponto de vista, e em qualquer circunstância, é quem fornece à literatura seus temas, assim como sua matéria de expressão - a língua.

Em nosso tempo, e de maneira generalizada, o procedimento literário que Auerbach, em seu estudo sobre Dante denominou "mescla estilística" é perceptível, também, em outras manifestações da vida cultural, sob a forma de mistura de território anteriormente contidos em limites mais ou menos rigidamente determinados, o que se observa, por exemplo, no nivelamento entre os campos daquilo que já se chamou *alia cultura* e da *cultura de massa*. Prática, aliás, sancionada em todas as áreas do conhecimento. Como já se observa há várias décadas, os chamados programas e textos de *divulgação* científica e cultura, resultaram do empenho, a partir dos anos 60, de renomados especialistas em suas áreas respectivas. A título de exemplo, mencione-se Carl Sagan com o série **Cosmos**, Kenneth Clark com **Civilização**, ou ainda do projeto Open University, além de tantos outros exemplos.

A terceira pergunta decorre dessa pluralidade de frentes com que se deparam os estudos de e sobre literatura, e se refere à questão metodológica:

Face à multiplicidade de aspectos que os textos literários oferecem a seus leitores, às múltiplas possibilidades propostas pela diversidade englobada sob o título *teoria*, como operacionalizar a abordagem textual? Qual a linha mais adequada, o que combina com quê? O que constitui atualmente um corpus possível na área dos estudos literários? Derrubadas as últimas barreiras, ultrapassadas todas as fronteiras, onde encontrar balizas que indiquem um caminho?

A modernidade buscou organizar o saber em áreas específicas, a partir da delimitação dessas áreas e da possibilidade de sobre elas aplicar o método científico: a modernidade criou a especialidade. O século XX assistiu o desenvolvimento da Teoria da Literatura como área de conhecimento específica, dotada de rigor lógico e conceitual e de capacidade de generalização. Nesse campo, o ponto extremo da cientificidade, atingido pelo afã de determinar *as estruturas genéricas do discurso literário* pretendido pelo estruturalismo, levou à explosão do sistema teórico específico da área da literatura. constatou-se que as estruturas que geram e distinguem o discurso literário não lhe são específicas, gerando e distinguindo as outras formas de discurso.

A constatação da presença desses traços em outras formas que não a literatura, portanto, retira do fenômeno literário sua especificidade, ao invés de circunscrever o campo do literário como um campo autônomo e regido por leis específicas (penso, especialmente, nos estudos acerca da narrativa tal como se desenvolveram entre formalistas e estruturalistas).

A teoria da literatura explode, pois, ao atingir seu limite possível de cientificidade - a determinação de leis universais - quando as determina para o literário, e se depara com essas mesmas leis em outras formas de linguagem, artísticas ou não.

Estava então criado o paradoxo: o que deveria singularizar um campo de ação cultural, esclarecer os mecanismos segundo os quais uma dada manifestação artística - a literatura - se constrói, serve para revelar que tal manifestação não apresenta regras gerais, senão aquelas que compartilha com outras linguagens.

Deduz-se desse raciocínio duas conseqüências: ou toda linguagem é literatura; ou a literatura tem como elemento universal a caracterizá-la a diferença, ou seja, as convenções para ela estabelecidas por uma determinada cultura.

Ainda durante o período dominado pela visão estruturalista, a partir da década de 60, os estudos de literatura passam a se valer de uma pluralidade de aportes teóricos gerados em outros campos da cultura. Teorias que os estudiosos de literatura aplicam a seu objeto de estudo. Teorias que se colocam lado a lado com a Teoria da literatura e/ou, em alguns casos, a substituem. Daí ser possível, nos dias de hoje, ler-se em um manual introdutório aos estudos de Teoria da literatura:

Teoria, nos estudos literários, não é uma explicação sobre a natureza da literatura ou sobre os métodos para seu estudo (embora essas questões sejam parte da teoria [...]). É um conjunto de reflexão e escrita cujos limites são excessivamente difíceis de definir. [...] Teoria, nesse sentido, não é um conjunto de métodos para o estudo literário mas um grupo ilimitado de textos sobre tudo o que existe sob o sol, dos problemas mais técnicos de filosofia acadêmica até os modos mutáveis nos quais se fala e se pensa sobre o corpo. O gênero da "teoria" inclui obras de antropologia, história da arte, cinema, estudos de gênero, linguística, filosofia, teoria política, psicanálise, estudos de ciência, história social e intelectual e sociologia.¹

Não resta dúvida sobre a pertinência da pergunta sobre como delimitar ou recortar o corpus nos estudos literários. No entanto, não me parece que os estudiosos da literatura se tenham debruçado sobre o problema com a mesma atenção como o fazem os investigadores da área de estudos linguísticos. Observando a formulação de Orlandi, segundo a qual

Dado um fato discursivo, um certo objetivo, o corpus será constituído através da reflexão sobre conceitos pertinentes para os objetivos da análise e pela sua sustentação em certos parâmetros metodológicos que visam garantir uma leitura não-subjetiva dos dados.²

parece-me pouco definida a diferença entre o estabelecimento do corpus e a metodologia. Segundo essa formulação, ambas - a reflexão sobre conceitos pertinentes e a sua sustentação em certos parâmetros metodológicos - me parecem muito próximas. Não é meu objetivo discutir a validade da formulação, mesmo porque ela está retirada do conjunto de argumentação de que faz parte. Trata-se, aqui, de registrar a presença da preocupação em determinar o que seja um corpus, preocupação que não encontrei entre os estudiosos da literatura. Aí, quando o vocábulo aparece, não é problematizado, e geralmente toma o sentido geral de objeto de estudo.

O que me parece ser a maior fonte de problemas (e refiro-me aqui, concretamente, à experiência docente nas disciplinas de metodologia no curso de pós-graduação) é a questão metodológica, ou seja, a determinação do prisma, do enfoque a ser adotado na análise.

Tal como se apresentam os estudos sobre literatura no momento atual, estaríamos assistindo, nesse âmbito, a uma alternância já tornada tradicional no pensamento sobre os estilos da arte, que preconiza que, a uma fase de busca do equilíbrio e da racionalidade segue-se, como compensação, uma outra que nega os princípios sobre os quais se organiza a que a antecede, e apóia-se sobre a emoção e a tensão? Em termos tradicionais, a alternância entre épocas clássicas e românticas?

Explico melhor o ponto trazido à discussão. Os estudos de literatura privilegiaram, entre os séculos XVI e XVII, a poesia como a verdadeira expressão da arte literária. A literatura apresentava, então, pelo menos um elemento distintivo, capaz de diferenciá-la de

outras modalidades de uso da palavra: era composta em versos. A descrição dos gêneros, assim como do estilo adequado a cada um deles, se fazia sob a vigência do princípio de imitação, vale dizer, segundo a lição dos clássicos. Os procedimentos a serem adotados obedeciam a modelos já canonizados. A consequência previsível da valorização dos modelos foram poéticas preceptísticas. Mas os preceitos resultaram da descrição prévia dos procedimentos adotados nos textos eleitos como exemplares. O caminho percorrido partiu da descrição para a norma. Vale dizer, o texto literário foi observado, inicialmente, em seus processos intrínsecos.

O século XIX preconiza a liberdade. Combate as formas convencionais considerando-as camisas de força para a força criadora do gênio individual, inadequadas à nova sensibilidade, e propõe soluções originais para a literatura.

As descrições de um novo sistema, cuja marca diferencial deixou de ser a supremacia do verso - literatura, e não mais poesia - são acompanhadas por novas maneiras de se estudar os textos: a obra como expressão de uma subjetividade; ou expressão do mundo social. Isso equivale a dizer que a voga recai sobre a demonstração, no texto literário, de teorias construídas exteriormente a ele, a partir de outros parâmetros, de outra realidade que não o próprio texto.

O século XX empenhou-se na busca de uma teoria imanentista, que desentranhe do texto suas próprias regras. A segunda metade desse século passa a enfatizar uma nova versão dos estudos literários de um século atrás?

Uma conclusão - provisória - e dois problemas. A conclusão: a multiplicidade de abordagens possíveis abre amplos horizontes e novas perspectivas, tornando rico e variado o âmbito dos estudos literários. Os problemas que daí se originam são aqueles próprios à multiplicidade de escolhas. Dilema com que defronta o estudioso, que conhece os elementos teóricos para manipular seu próprio objeto de estudo, isto é, o corpo de convenções que permite distinguir um texto literário de outro que não recebe essa denominação; os elementos teóricos e analíticos que lhe permitem compreender os mecanismos internos do texto valorizá-lo. Dilema também para o aprendiz de pesquisador que, sem dominar os elementos acumulados por uma etapa anterior do conhecimento, se vê diante de uma multiplicidade de opções. Estas, se parecem ampliar suas possibilidades de ser bem sucedido e original em seu trabalho, podem transformar-se em uma armadilha tanto pela multiplicidade como pela incompatibilidade entre muitas das teorias que, aparentemente, se complementam.

Notas

¹ CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

² ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli et al. *Sujeito e texto*. São Paulo: EDUC, 1988.